

# Golpe geográfico na internet

Boato sobre anexação americana da Amazônia circula na rede e causa confusão

Arte JB

DANIELA KRESCH

Uma enxurrada de e-mails inunda a internet brasileira há um mês denunciando o fim da soberania nacional. A mensagem informa, em tom raivoso, a existência de um livro didático nos Estados Unidos no qual a Amazônia não integra mais o mapa brasileiro. As crianças americanas aprenderiam, desde a década de 80, que a região está sob tutela americana e da Organização das Nações Unidas. A correspondência eletrônica, refere-se ao vasto território como *Former International Reserve of Amazon Forest* (Finraf). Algo traduzido por Ex-Reserva Internacional da Floresta Amazônica.

Domingo passado, dia 25, até a agência de notícias France Press registrou o boato, baseado em uma nota da coluna Hildgard Angel, de *O Globo* – desmentida pela própria colunista ontem. No mesmo dia, o *Tribuna da Imprensa* também caiu na esparrela. Antes, o *Estado de S. Paulo* havia publicado uma nota, em 23 de maio de 2000, com a história. Nos dias 12 e 14 de junho e em 06 de outubro do mesmo ano, desmentiu-a.

**A obra** – O livro, de autoria de um certo David Norman, não existe. Não está catalogado na Biblioteca do Congresso Americano, nem é de conhecimento da embaixada dos Estados Unidos no Brasil ou da embaixada do Brasil em Washington. Na biblioteca Thomas Jefferson, em Brasília, ninguém ouviu falar dele. Mesmo assim, a obra *An introduction to geography*, num piscar de olhos, corre pela rede mundial de computadores. Irritado com a repercussão, o Itamarty resolveu ontem começar a responder os e-mails. Um a um.

Algumas mensagens que circulam sobre o tema anexam um facsímile da página 76 da suposta obra, contendo uma explicação detalhada sobre a tal reserva. Um mapa mostra as novas fronteiras da Floresta Amazônica. O capítulo sobre a América do Sul explica no tópico 3.5.5 como teria se formado o Finraf. “Por estar a Amazônia localizada na América do Sul, uma das regiões mais pobres da terra e cercada de países irresponsáveis, cruéis e autoritários”.

O texto ainda continua: “(A Amazônia) era parte de oito diferentes países selvagens, que,



Os e-mails são acompanhados de um mapa, nunca publicado

na maioria dos casos, são reinos de violência, tráfico de drogas, analfabetismo a de povos não-inteligentes e primitivos”. Enfeitada por fotos de borboletas e balsas, a página discorre ainda sobre a suposta criação da “Ex-reserva”: “Foi apoiada por todas as nações do G-23 e foi realmente uma missão especial de nosso país (os EUA) e um presente para o mundo, já que a posse dessas terras valiosas por tais países e povos primitivos poderia condenar os pulmões do mundo ao desaparecimento e total destruição em poucos anos”.

**Genealogia** – “Não existem livros, nem mapas, tudo não passa de manipulações grosseiras de brasileiros dotados de anti-imperialismo primitivo”, diz o conselheiro da Embaixada do Brasil em Washington, Paulo Roberto Almeida. Desde que a fraude foi inicialmente observada em março de 2000, Almeida passou a reunir as mensagens da internet num dossiê, na tentativa de refazer a genealogia do boato. Acabou chegando à origem: o site *Brasil, ame-o ou deixe-o* (<http://www.brasil.iwarp.com>), organizado por brasileiros ultra-nacionalistas cuja identidade continua sendo um mistério. Eles teriam se apossado do endereço eletrônico da

pesquisadora Michelle Zweede, do Brazil Center da Universidade do Texas, para enviar os primeiros e-mails denunciando o escandaloso livro. Posteriormente, o próprio site admitiu a fraude. Quem procurar, ainda o encontrará na rede. Consta que começou a funcionar em 15 de junho de 1999, mas não é atualizado desde 10 de junho de 2000.

“O livro pode ser falsificação, mas que os americanos consideram aquela uma área internacional é ponto pacífico”, acredita o professor de História Rubim Aquino, do Liceu Franco Brasileiro, no Rio. “As Forças Armadas deveriam se preocupar porque isso existe”, diz o professor, filho de militares. Aquino conta que ouviu de amigos casos de alunos brasileiros que entraram em salas de aula de universidades americanas nas quais mapas do Brasil mostram a Amazônia como uma área internacional. “Nunca vi tais mapas”, reage a antropóloga e brasilianista americana Linda Rabben, doutora em História da América Latina pela Universidade de Cornell. “É raro ver mapas do Brasil em universidades americanas. A população daqui dá pouca atenção ao Brasil”, diz Linda. Ela acredita que, no Pentágono, militares tra-

cem cenários que incluem a Amazônia, mas acha muito longe da realidade o planejamento de uma intervenção militar de qualquer tipo.

Se há planos de internacionalização da Amazônia ou não, o fato é que o livro de que tratam os e-mails não existe. A primeira leva de boatos acabou caindo no esquecimento, até porque ninguém conseguiu provar a existência da obra. Mas, como no mundo da internet tudo se recicla, os e-mails com a fraude começaram a ser enviadas novamente, em outubro deste ano, mesmo depois da publicação do desmentido.

**Nova onda** – Um terceiro ataque especulativo ainda está em curso. Teria sido disseminado por professores da Unesp e da Unicamp. Desta vez, porém, o eco tem sido maior. A internet é, hoje, bem mais conhecida dos brasileiros. Com isso, a velocidade da propagação de um boato, como o livro de geografia, multiplicou-se.

Um bom internauta, porém, consegue achar na própria internet as provas da fraude. Um grupo de discussão no site Yahoo! lista os erros do inglês macarrônico da página 76. São 17 erros inadmissíveis em qualquer livro didático americano. Quando o autor da fraude diz que o tamanho do Finraf é de 3.000 square miles (milhas quadradas), ele usa um ponto no numeral. Um americano escreveria 3,000 (com vírgula). Há palavras erradas, como *responsability* (o correto é *responsibility*) e *a unintelligent* (*an unintelligent*) e *explorate* (*explore*). A palavra *earth* (Terra) é escrita com inicial minúscula, o que é inaceitável em inglês. Também há construções gramaticais erradas, como *the creation of Finraf were* (o verbo correto seria *was*). Palavras raramente ditas por americanos fazem parte do texto, como *humanity* (no sentido de *mankind*, humanidade).

O tal G-23, entidade que teria apoiado a criação do Finraf, também é uma invenção. Com um pouco mais de paciência, descobre-se que o único David Norman que escreve livros, nos Estados Unidos, é especialista em dinossauros. “Temos a tendência de colocar nossos países no centro do universo. Mas, o Brasil não está com essa bola toda por aqui”, diz a brasilianista Linda Rabben.